



COSTUMES DOS KALMUKOS.

Os **KALMUKOS**, kalmukos, ou eleuthas são um povo guerreiro da Asia, na Grande Tartaria, dividido em tribus, a cada uma das quaes preside um chefe com o titulo de *kán*. Desde 1757 pagam tributo ao imperador da China.

Como a maior parte dos povos de raça mongolica os kalmukos são budhistas, ou, para melhor dizer, lamistas; mas o seu budhismo está mui adulterado. Veneram um grande numero de idolos, representando pela maior parte formas de mulher. Reconhecem um Deus supremo, ao qual estão sujeitos os genios bons e maus. Crêem na transmigração das almas como uma provação, mais ou menos longa, por que todos devem passar antes de comparecer perante o soberano juiz. Os santos terão em recompensa das boas acções que praticaram na terra o descanso na vida eterna, conservando a sua individualidade.

Os kalmukos celebram todos os annos tres grandes festividades; cada uma d'ellas dura quinze dias. A mais importante é a que tem por fim festejar o regresso da primavera; a segunda, que se chama da benção das aguas, é em junho; e a terceira em dezembro.

O amarello e o vermelho são as côres religiosas. Os templos de ordinario decoram-nos com ricas telas de seda; observam-se n'elles muitas imagens, en-

tre as quaes sobresaé o idolo de Dchakdchamuni, em bronze.

Posto que os kalmukos não admittam penas eternas, os seus padres tem procurado fazer acreditar que serão castigados no outro mundo aquelles que commetterem algum d'estes cinco peccados: Irreverencia para com Deus; roubos nos templos; falta de respeito aos paes; assassinato; offensas contra o clero.

Estes povos grosseiros vivem em tendas ou barracas de feltro, de quatro a cinco metros de diametro, cylindricas até a altura do hombro, e cobertas com um tecto conico, aberto no centro para saída do fumo. A armação d'estas barracas é mui simples e de facil conducção, como pode observar-se na estampa. Dous camellos bastam para transportar uma d'aquellas barracas, em que pode alojar-se uma familia inteira.

No centro da tenda conserva-se sempre uma pequena mesa, onde põem a panella, em que cozem a carne e preparam o chá. O chão cobrem-no com esteiras, tapetes e panno feltro. Em frente da porta estendem os coxins, ou camas, em que se deitam; á armação da barraca penduram as armas, os odres, os utensilios de cosinha, as provisões, etc.

As mulheres fazem o comer, tratam das creanças, armam as tendas, fabricam as pelles, cortam os

vestidos, e cuidam do gado. Mui cedo perdem os poucos attractivos de que são dotadas na idade juvenil, e a sua physionomia assume um certo ar varonil pouco agradável.

É extraordinaria a frugalidade dos kalmukos. O que principalmente os alimenta é o chá; raras vezes compram cereaes ou pão aos seus vizinhos russos. Da China importam aquella planta, que lhe é remettida sob a forma de tijolos muito rijos; quando querem preparal-o as mulheres quebram alguns pedaços, deitam-nos na panella de ferro, e temperam-nos com leite, manteiga e sal, e assim compõem uma especie de sopa amarellada, com que os kalmukos muito se delicias. Attribuem a esta comida a virtude de prevenir a maior parte das doenças produzidas pelos resfriamentos.

Taes são os costumes mais singulares d'este povo da Asia, alias mui pouco conhecido dos europeus.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

Um portuguez por nascimento e hespanhol de coração, D. Christovão de Moura, ramo dos senhores de Azambuja, e que, tendo acompanhado a Lourenço Pires de Tavora, quando este foi por embaixador a Madrid (1), voltou ali com a princeza D. Joanna (2), que o recommendou a Filippe II, a quem foi bem acceito mormente depois da boa conta que deu da torpe missão com que, sob capa de cumprimentar o carduco cardeal rei, veio a Lisboa dispôr as cousas para a intrusão da corôa, aquelle homem inda mais cabido com Filippe III, que lhe deu a grandeza com o titulo de marquez de Castello Rodrigo, que com el-rei seu pae, e que o seu archiministro e valido duque de Lerma (3), para afastal o de seu amo, fez vice-rei de Portugal, foi quem então fundou, e vincalou de mão commum com sua mulher D. Margarida Côrte Real (4), a quinta de Queluz, que trinta e sete annos mais tarde passou á dynastia que elle tanto procurou excluir do throno. Voemos agora com a mente ao espaço que decorreu no entremeio de 1603 e 1612, para n'aquella casa de campo, onde posteriormente se passaram tantos successos notaveis, e se fizeram tantas e tamanhas mudanças, tirar interesse de uma primeira tradição historica.

(1) Foi este illustre representante d'el-rei D. João III junto a Carlos V que n'uma audiencia, em que este imperador, irritado contra a nossa côrte, disse em tom de ameaço que sabia quantos rios e quantas pontes havia em Portugal, lhe observou com grande presença de espirito, que este reino tinha hoje os mesmos rios e as mesmas pontes que havia em 14 de agosto de 1385, dia em que se deu a famosa batalha de Aljubarrota.

(2) Esta princeza, filha de Carlos V, irmã de Filippe II, mulher do principe D. João, filho d'el-rei D. João III, e mãe d'el-rei D. Sebastião, retirou-se depois de enviar, para Hespanha, sem de cá levar saudades, nem as deixar n'este reino.

(3) Francisco de Roxas de Sanjoval, marquez de Denia, duque de Lerma, e, depois de viuvo, cardeal.

(4) Esta senhora, filha de Vasco Eanes Côrte Real, e de D. Catharina da Silva, filha do primeiro conde de Santa Cruz, era neta e herdeira da casa do nosso celebre navegante Gaspar Côrte Real, que descobriu a Terra Nova.

Já findára o reinado longo e continuamente agitado do primeiro oppressor de Portugal, soberano, que uns baptisaram ás avessas chamando-lhe *Prudente*, outros desbaptisaram do nome de homem dando-lhe o de *Demonio do meio-dia*, e que assaz bem se caracterisou a si mesmo no sumptuosamente formidavel edificio em forma de grelhas, e com visos de inquisição pastando no deserto, que elle, entre cabeços negros, que áquelle triste sitio deram a denominação de *Escorial*, erigiu para jazigo seu e da sua prole, que ali ía juntar a agitação do mundo com a tranquillidade do claustro, ora n'uma bibliotheca cheia de livros e vazia de leitôres (5), ora n'uma sacristia guarnecida de quadros de Raphael cobertos de bolôr; já o altivo e discreto duque de Alva (6) tinha, em paga da conquista que fizera d'este reino, morrido, sem um ar de magua da parte do seu rei, n'um sótão por baixo da camara real no paço da Ribeira, que Filippe II então habitava, e Hespanha, privada d'este e de outros homens de braço, e exhausta de cabedaes, estava, todavia, ainda rica dos talentos de Quevedo, que nas suas *Bucolicas* soube seguir o tom simples e tocante de Virgilio, de Luiz de Leon e dos dous Argensolas, que os contemporaneos e a posteridade acharam dignos de ser comparados a Horacio, de Villegas que seguiu com tanta fortuna o genero de Anacreonte, de Calderon de la Barca, do seu rival Montalbano, Lope da Vega Carpio, e Garcilasso, que da fonte do nosso Gil Vicente, beberam e communicaram aos francezes as bellezas dramaticas que os classicos de todas as nações consideraram como outras tantas regras e leis por onde se devia regular o theatro moderno; de Cervantes, que com a sua inimitavel novella, ou antes verdadeiro poema de D. Quixote acabou com uma instituição que bem util na sua origem mal podia ir com as idéas do tempo, incorrendo por esta producção no odio do ministro (as luzes que dão olhos a uns dão nos olhos a outros). Prodigiosa abundancia, ou mais veramente, prodiga sobejidão de talentos, cujos versos e prosas indemnizam o paiz que os produziu da orchestra de vozes desafinadas dos seus oradores parlamentares do seculo 19.^o, que levou a lingua e a litteratura hespanhola a todas as côrtes, e quando a de Madrid, que Boccacini compara a uma garganta, por onde tudo passa e onde nada fica, depois de uma tragedia, deu uma comedia, que, contra toda a arte dramatica e um impulso natural, acabou por catastrophes que, em vez de excitar lagrimas, provocaram a riso.

(5) Na immensa commuidade dos Jeronymos do Escorial, dos quaes um homem de bom humor dizia que comiam por espaço de doze horas, dormiam outras tantas, e estudavam o resto do dia, houve um bibliothecario muito estúpido que uma dama de muita graça propoz a Carlos III para ministro da Fazenda, por isso que, não tendo elle tirado nada dos livros, era de suppôr que tambem se não aproveitaria de cousa alguma do thesouro publico.

(6) Este cortezão, não só perito nas armas, mas que tambem cultivou as letras, sendo por isso nomeado presidente da academia de Madrid, com ser muito altivo, e tão orgulhoso que tratava a todos por *vós*, era tão discreto, como jovial. Um dia que Filippe II, enfasiado de ouvir fallar alto algumas damas que estavam na casa immediata á sua camara, mandou ao duque de Alva que lhes dissesse que se fossem embora; o duque, tão polido com as senhoras, como era insolente com os homens, entrando na sala em que ellas estavam, deu assim o seu recado: *Dice l'Alba alas estrellas que viene el sol, que se retiren ellas.*

Um rei muito moço, de bom natural, fraco, irresoluto, desapplicado e inerte, tendo por ministro universal um homem também inexperto, bondoso, falto de forças, e indolente, governado por subalternos e parentes ambiciosos e intrigantes, tal era Philippe III, a quem o duque d'Ossuna, que melhor que ninguém soube pintar uma situação por um dito agudo, chamou o *grão zabumba do estado*, e o duque de Lerma, junto a quem o engenhoso e faceto novelheiro Lesage poz com agudo pensamento o seu prototypo do cavalheirismo de industria, Gil Blas. Novos impostos nos alimentos e outros objectos de primeira necessidade para uma nação já sobrecarregada de tributos exorbitantes; duplicação do valor da moeda, recurso injusto e iniquo de que em Portugal se tinham seguido tão más consequências nos reinados dos reis D. João III, e D. Sebastião, e que fazendo augmentar na mesma proporção o preço de todos os generos, deu também occasião aos estrangeiros a introduzir, em troca d'aquella moeda, outra fabricada nos seus paizes: a decrescente população, ainda mais diminuida por effeito de medidas arriscadas e intempestivas, que augmentaram as difficuldades de reparar mesmo lentamente as forças do corpo social enfraquecido; tal era o quadro que apresentava Hespanha no principio d'aquelle reinado. Se as violencias e tyrantias de que aquelles dous authomatos politicos, que tornaram a segunda sujeição de Portugal inda mais pezada e odiosa que a primeira, foram cegos instrumentos, verificaram a prophécia que Philippe II fizera no leito da morte, dizendo ao marquez de Castello Rodrigo: *Ay, D. Christovan, que temo que mi hijo hade ser governado*, não é menos certo que todas as queixas e satyras que aquelles actos excitaram em toda a peninsula apenas mereceram estas desprezantes palavras: *Los hespañoles son como los niños que, quando los lavan, lloran*; como se aquella pobre nação, que sómente se queixava de lhes alimparem as gavetas do dinheiro, grunhiu e se carpisse por lhe purificarem os dedos. Assim ficariam respondidos de repente, com um dito desengraçado por vir desaproposito, os aggravos fundados de uma grande nação oppressa, se o editor responsavel de tantas miserias não abrisse, pelos mesmos meios de que lançou mão para melhor as encobrir, outras tantas portas por onde ellas entraram pela paço dentro, e puderam penetrar os ouvidos do monarcha. Tinha o ministro e valido um filho unico, o duque de Uzeda, homem de boa maneira, e por confidente o jesuita Aliaga, grande intrigante; e, entendendo que de ambos podia tirar grande partido, poz o primeiro como camarista e o segundo como confessor aos dous lados de Philippe, pedindo n'este mesmo tempo, para si, ao papa o barrete de cardeal com que julgou que escaparia

Tendo elle n'outra occasião visitado a sr.^a duqueza de Bragança D. Catharina, que para disfarçar a falta do tratamento que elle exigia, e que ella pela sua posição não queria dar-lhe, lhe fallou sempre com exclamações obsequiosas, como: *E Jesus que gosto que tenho de o ver. . . E Jesus que pena que terá meu filho de se não achar aqui agora. . . E Jesus que dia tão mau para fazer viagem*, e outras expressões semelhantes, e tendo Philippe II perguntado se sua prima lhe dera tratamento, respondeu: *Deu-me o maior: ao que el-rei tornou, então tratou-vos por excellencia? Ainda mais alto*, replicou o duque. *Pois deu-vos alteza?* tornou a instar o rei; *ainda mais*, tornou a responder o duque, *a prima de vossa sacra real magestade tratou-me por Jesus*.

mais a seu salvo das balas dos seus inimigos de corte, e poderia evadir as difficuldades em que o punham certas reclamações de uma parte do clero. Em todas estas combinações achou se elle de meio a meio enganado; porque o capello, que recebeu com a commissão ou condição de acordar os jesuitas com os dominicanos sobre um ponto de theologia de que elle não entendia nada, o que o metteu a ridiculo, e arrastou sobre elle as iras dos contendores; não o livrou dos embaraços em que alguns prelados, e os mesmos jesuitas (que na India christianisavam certos ritos gentilicos) continuaram a pôr aquelle estadista curto dos nós e atado, exigindo a expatriação dos inouriscos; e o duque de Uzeda e o padre Aliaga, aborrecidos do seu papel de criaturas, e desejosos de ser criadores, pondo-se á testa da intriga, que os grandes, desgostosos do duque de Lerma, contra elle tramavam, e assacando-lhe sobre tantas culpas e erros, um crime que elle não fizera, nem podia commetter, de tal modo azedaram contra elle o monarcha, que, o pezar e despeito das suas humilhações o demittiu e fez sair da corte. Chegando o cardeal ao seu retiro (nome que muitos homens nas suas circumstancias tem sabido pôr, mas de que poucos tem sabido usar) recebeu um decreto exautorando-o de todos os empregos que tinha no paço, e um veado morto n'aquelle mesmo dia, que o rei lhe mandava de presente. Que desengano das grandezas do mundo, e que prova tão real das inconsequencias que se praticam nas côrtes! Os historiadores não dizem, mas é bem de suppor a dor com que o novo e velho cardeal trago aquelle presente vindo no mesmo dia de um tão severo castigo. Por mais cerradas que sejam as filas das opposições, nunca são nem podem ser tão possantes e tão fataes como os desacertos das administrações, que embebem no arco as settas que as matam irremediavelmente.

Ligado por despeito com aquelles Syllas e Catinas de obra grossa, o marquez de Castello Rodrigo, amigo, e antigo collega de conspiração em Lisboa do duque de Ossuna, mostrando-se n'esta capital (que elle ajudára a despir da preeminencia de corte), fiel e mudo executor de todas as vexações decretadas pelos tutores de Philippe III e do duque de Lerma, e anathematisadas galantemente pelo nosso clero (7), recebia nos tempos de vacações em Queluz os confidentes e as confidencias, que lhe enviavam de Madrid os seus consocios.

(7) Um livrinho intitulado «Fora velhaco, ou la Liberté du Portugal» contém entre outras tres anedotas que vem em abono d'esta asserção. Estando o parcho da Sé n'uma sexta-feira de quaresma cantando uma missa, e passando por alto a collecta, que o arcebispo de Lisboa lhe advertiu que devia dar, perguntou o cura alto e bom som ao diacono: *Como se chama este demonio, que temos aqui como rei*, e respondendo-lhe o ministro: «*Chama-se Philippe*, começou o parcho no mesmo tom: «*Et famulum tuum Philippum, Ducem Albacensem, Rodericum Zapatam, coeterosque omnes diabulos etc.* entre gargalhadas dos circumstantes. Também o celebre Fr. José Teixeira, prégado do amor do proximo na igreja de S. José, disse: «*Irmãos, Deus manda-nos amar o nosso proximo que é toda a casta de bicho estranho, mouros, judeus, e até, o que parece incrível, os nossos tyrannos hespanhoes.*» Finalmente o padre Luiz da Veiga, prégado diante do cardeal archiduque Alberto, tomou por thema: «*Tolle grabatum tuum et ambula,*» o que, accrescentou elle, *quer dizer em bom portuguez: «Pegue vossa alteza eminentissima em si, e ponha-se no olho da rua.»*

Cuidaria agora alguém que eu ia dizer que a miserável campanha de Flandres, que nos fez perder tantas das nossas colonias, e a tregua, ainda peor para nós, que o governo hespanhol, por esse tempo (1609), fez com os holandeses, e que deu azos a dizer-se que elle não sabia fazer a paz, nem a guerra, talvez excitassem remorsos que inquietassem o animo do principal instrumento da união de Portugal a Hespanha nos seus exercicios campestres: longe de mim tal pensamento; ha muito que eu tenho para mim que a ambição tresloucada, o espirito de facção, que é o mais ignobil de todos os espiritos, e a privação do sentido da vista acompanhada da perda do sentimento da propria cegueira, fazem que de tantos homens que se precipitam, nenhum caia em si; e se não, perguntem-no os nossos ouvidos aos nossos olhos.

Pouco depois foi o marquez chamado á côrte, onde, como muitas vezes succede, lhe custou mais a haver-se com os seus amigos politicos, que com os seus contrarios; e mais atormentado e punido por aquelles que por estes, acabou uma vida (com que a paciencia robusta de um graciano encheu um volume em 4.^o) com o desgosto de deixar no poder um rival, mas sem o desprazer de presenciar o tragico fim do monarcha de quem fôra tão estimado, e que poucos annos depois morreu victima da severa etiqueta com que havia sido embalado. O segundo marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Côrte Real, casado com D. Leonor de Mello, filha dos marquezes de Ferreira, e que, para não desmerecer do pae, concorreu com o jesuita Queiroga para a aleivosa prizão do senhor D. Duarte, e mandou matar um official hespanhol que n'ella o apiedava, sendo por estes serviços nomeado successivamente plenipotenciario no congresso de Munster, embaixador em Roma e governador de Flandres, nunca, depois de senhor de casa, habitou a quinta de Queluz, que depois da gloriosa revolução do 1.^o de dezembro de 1640 passou, por sequestro, para a corôa. Tendo este marquez deixado uma filha, D. Leonor de Moura Côrte Real, que casou com D. Carlos Hodeii, que antes de ter o titulo de seu sogro, tinha o de marquez de Almonacide, e foi, da parte de Philippe V noivo da princeza Luiza de Saboia, levar a procuração d'este rei ao principe de Carignan, aquelle famoso mudo, tão sabio e tão capaz, que tanto deu que fallar, e que fazer a França; e passando pelo tempo adiante os vinculos em que succedêra aquella terceira marquez de Castello Rodrigo para a casa do principe Pio, foi com este que a nossa côrte tratou do compensativo do morgado de Queluz. (Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LENDAS NACIONALES.

III.

Ai! mal aconselhado, quanto forte,
Generoso mancebo! Eternos lutos
Preparas á chorosa Lusitania.

J. B. DA GAMA.

A PARTIDA.

QUEM ha que não tenha viva na imaginação, entre as doces recordações da meninice, uma lembrança

saudosa da noite de S. João? D'essa noite de religiosa alegria, festejada no campo e na cidade, no palacio e na choupana, por velhos e por mancebos; noite de folias, em que a donzella, sustendo a custo a agua preza pelos labios, aguarda anciosa ouvir o nome do que ha de ser seu esposo; ou queimando a espinhosa alcachofra, anela que alvoreça a manhã para conhecer, pelo florir ou seccar de uma flor, se a Deus apraz, ou não, conceder-lhe por marido o eleito do seu coração. Noite de liberdade, em que os moços galhofeiros, fóra de suas pousadas, e ao som de cantares alegres, saltam a fogueira, que débalde altêa as chammas para os contrariar; ou tornando a praça publica em salão-de sarau, fazem resoar musica singela, danças populares, e engraçadas lóas. Culpa grave entre mancebos e donzellas era, n'outros tempos, o repousar em tal noite, destinada a folgedos innocentes, tão puros como a sua origem patriarchal!... Porém escura e silenciosa estava a cidade de Lisboa, em a noite de 23 para 24 de junho de 1578; nenhum som harmonioso de voz ou instrumento quebrava a mudez das ruas solitarias; e não era por que todos os habitantes estivessem adormecidos; pelo contrario, muitos velavam. Enxergavam-se luzes pelas frestas de bastantes portas e janellas, e quem escutasse de perto percebia vozes sumidas e arfar de corações! Eram suspiros abafados, eram lagrimas de desconsolo, que transpiravam por todos esses edificios, desde o palacio do grande até ao devão do pobre... por que ao raiar do novo dia, dezeseite mil paes, irmãos, esposos, noivos, filhos, amigos, iam ser conduzidos para o matadouro de Africa!...

Lá vem rompendo a manhã d'esse infausto dia. Os altos montes do sul começam a avermelhar-se, e por entre as deliciosas veigas d'além se distingue o casal solitario ou a pequena aldêa, matizando de branco um extenso tapete de relva; d'aquem assoma o vulto gigantesco da capital, e os vidros simples e corados dos templos e das habitações profanas, reflectem os raios do sol nascente com mil accidentes de luz: o Tejo ufano do azul de suas aguas, e os contornos de tão diversos navios que iam em breve mostrar os pavilhões de toda a Europa, completavam um soberbo quadro para o observador collocado na praia de Restello... e bastantes lá estavam que pela ultima vez gosariam de tão brilhante espectáculo! Era d'aquelle logar que se deviam soltar as velas de oitocentos baizeis, que, como as azas do anjo da morte, pousariam sobre tantos guerreiros até ao momento do exterminio.

Despovoado se achava já pela ante-manhã o labyrintho inextricavel de ruas estreitas e mal grãdadas, becos tortuosos e immundos, que constituíam então a cidade de Lisboa, proxivamente no gosto do bairro de Alfama, ainda hoje de pé, por meroê especial do terramoto de 1755; e o povo se arrojava em ondas pela margem do Tejo para o logar do embarque, uns a dar o extremo adeus a quem lhes era caro, outros por simples curiosidade... e para esses havia ahí muito que ver!

De todo se erguera o sol no horisonte; era essa a hora prescripta por D. Sebastião para o embarque, e tudo o esperava a ponto. Na direita da hoste se vê um esquadrão de velhos guerreiros do Oriente, que vestem pesadas armaduras como se foram cabaia de setim; seu capitão é D. Luiz de Menezes, que faz tremular o estandarte real como alferesmór do reino: só com o final alento o ha de elle deixar escapar das mãos em Alcacerquibir, quando já não restar com vida ou liberdade nenhum d'aquelles cavalleiros anciãos, cuja intrepida firmeza faria inveja á antiga legião macedonia. Seguem-se

os mancebos aventureiros, flor da nobreza e esperança da patria; commanda-os Alvaro Peres de Tavora, irmão do valido de el-rei: não se vê entre elles um rosto triste, como em os outros terços; são como tenues raios do sol, brilhando por entre o aggregado de nuvens caliginosas. E d'ahi a pouco a arêa de uma valla ou a porta de um carcere ía abafar-lhes o fogo da vida, ou o entusiasmo da gloria! Apoz estes mancebos estão as levas da gente recrutada no reino, soldados sem experiencia e sem desejos de largarem seus lares, creados na paz do reinado de D. João III, e ouvindo só fallar de batalhas áquelles que voltavam da India nos galeões de viagem; dividem-se em quatro terços, de que são coroneis D. Miguel de Noronha, Diogo Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora, e Vasco da Silveira: o porte d'estes chefes é marcial, presagia a victoria; porém, mau grado a suas esperanças lisonjeiras, é a morte ou a escravidão que Deus lhes ha fadado. Mais adiante pousam os poucos italianos que governa o marquez Thomas Sternvile, os tudescos do coronel Martim de Borgonha, e os castelhanos de D. Alonso de Aguilar; capitães infelizes que tinham de juncar com seus cadaveres as margens do Lucus. Na extrema esquerda está a cavallaria, a pé, por ter já feito embarcar seus ginetes nas galés de transporte: são dous mil e quatrocentos soldados; e todo o exercito não excede a desesete mil.

Defronte do sumptuoso mosteiro, elevado pela piedade e pela grandeza de animo de el-rei D. Manuel á memoria do descobrimento da India, conversam o mestre de campo general, D. Duarte de Menezes; o bailio de S. João, Pero de Mesquita, capital geral da artilharia; Fr. Bernardo da Cruz, capellão-mór da expedição; o regedor Lourenço da Silva, justiça-mór do exercito, e os desembargadores Antonio Velho Tinoco, ouvidor-mór do campo, e Francisco Casado de Carvalho, furriel-mór: quem diria que nem as becas de jurisconsultos os salvariam da espada! Alguns medicos se achavam ahi tambem, que seguiam o exercito, para acabarem os que não saíssem bem mortos do lugar da carnificina.

Uma nuvem de poeira que se descobriu ao longe no caminho da cidade, e o susurro que simultaneamente se fez ouvir entre o povo, deram a conhecer aos chefes que o monarcha se aproximava; correram rapidamente as fileiras, e em um momento aquella massa de soldadesca, muda, firme e unida, similhava uma gradaria de ferro: só tinham movimento as bandeiras que a viração da manhã fazia ondear ligeiramente.

Em breves instantes aquelle espaço de terreno foi embebido debaixo dos pés dos fogosos cavalloos que traziam el-rei e a sua comitiva; e os soldados, ao signal de seus chefes, fizeram a usada cortezia militar, os estandartes se abateram, e os instrumentos musicos fizeram resoar hymnos guerreiros. O joven monarcha sorria ao aproximar-se das armas, como se já tivera seguro o fim de seus desejos; lustrosa era a companhia que o seguia, e o riso do soberano communicou-se áquelles vassallos tão leaes, tão cavalleiros; por fim o contagio apossou-se de toda a hoste: «Viva D. Sebastião, viva Portugal,» repetiam milhares de vozes de nobres e populares, de guerreiros e burguezes... Era o ultimo dia de prazer para esta pobre terra!...

D. Jorge Tello, pagem do guião de el-rei, vinha na frente da cavalgada; aos lados de D. Sebastião sopeavam seus valentes corceis ricamente ajazados, o prior do Crato D. Antonio, filho do infante D. Luiz, e o duque de Barcellos, joven de doze annos,

que pela primeira vez ía arrancar do montante: as prizoões de Africa os esperavam! Apoz elles caminhavam os governadores do reino, e entre outros cavalleiros de primor que seguiam, notava-se D. Jayme, irmão do duque de Bragança; D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira; o duque de Aveiro; os condes de Tentugal, Redondo e Vimiozo; D. João de Portugal e Manuel de Sousa Continho; D. Christovão de Tavora; D. João de Castro, filho do védor da fazenda de el-rei, D. Alvaro de Castro, e neto do quarto visorrei da India; D. Luiz, filho de D. Aleixo de Menezes; o valente Luiz de Brito, e os bispos de Coimbra e do Porto. Sangue tão generoso lá o tinha de confundir o Lucus em suas aguas!

Tudo estava prompto para o embarque. D. Sebastião foi o primeiro a saltar no esquife do galeão S. Matheus, aonde o aguardava D. Diogo de Sousa, capitão-mór da armada; cavalleiro já de dias, prudente, valoroso e experimentado. O esquife vogue para longe da praia, e foi atracar á nau capitanea, que salvou ao monarcha com toda a sua artilharia. Os bateis dos outros navios seguiam de voga arrancada, transportando os capitães e soldados da expedição. D'ahi a algumas horas não se via em Belem um pique, lança ou adaga, brilhando á luz do sol: lagrimas, imprecações e suspiros substituíam os brados de alegria, que o vento levára fora do Tejo, e que se esvaeceram no oceano!

Os velhos não despregavam a vista do punhado de aventureiros, que se embarcava em tão temeraria empreza; os mancebos olhavam com inveja para aquelle saímento, que ía celebrar os funeraes da patria nos campos de Alcacerquibir; e as mulheres carpiam de ante-mão a sua viuvez, e a orfandade dos filhos que as cercavam... o lucto pousava no maior numero dos corações que ficavam.

Em quanto se concluía o embarque, tres dialogos de vario teor, curtos mas interessantes, tinham logar em diferentes pontos da extensa praia de Restello. Eram tres personagens que partiam, e davam o ultimo adeus a outros tantos que ficavam.

— «É optimo o seu plano, capitão; não se acobarde no momento da execução, que a sorte de um principe o espera.»

— «Descance no meu sêlo, sr. D. João da Silva.»

Estas palavras pronunciou o capitão D. Francisco d'Aldana: ignorámos qual era o seu plano. Alguem disse depois que elle soltára o grito de retirar, quando os mouros íam de vencida; não possuímos provas sufficientes para o affirmarmos; porém, se nos atraçou, bem diverso premio lhe reservou Deus do que elle aguardava na Hespanha, porque o seu cadaver foi encontrado no campo da batalha.

— «Adeus, Luiz de Camões,» disse uma voz fraca, porém melodiosa.

— «O céu te acompanhe, Bernardes,» lhe respondeu um velho, com o sorriso da desesperação nos labios: «não te esqueça este larga-vela para um canto da tua epopéa.»

— «Ficas ahi, pagem imbelle, não queres ver como se combate?» Estas palavras soltou um escudeiro ancião com ar sombrio, e segurando fortemente o braço de um rapaz, que esquadrinhava cuidadosamente as louçainhas e braços dos cavalleiros que embarcavam.

— «Não, sr. Braz Fagundes,» disse Ayres Tinoco, escapando-lhe das mãos; «imagino que nada terá de aprazivel uma tal vista. Fico para saltar as fogueiras de S. Pedro, já que por vossa causa perdemos os folguedos da noute de S. João.»

D'ahi a pouco ouviram-se os apitos dos mestres a bordo dos galeões e galés; as velas soltaram-se a um tempo, o vento não tardou a encher-as, e as quilhas a obedecer-lhe: depois via-se o rasto que os navios deixavam na agua, e o brilho das armaduras dos guerreiros; escutava-se ainda o som das charamelas, que tangiam alegremente a bordo da capitanea; e depois?... Nada!...

Tudo estava acabado para Portugal!...

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

DESTRUIÇÃO DOS PARASITAS DOS VEGETAES.

N'um jornal de agricultura da Belgica publicou-se em maio do corrente anno uma carta de F. V. Raspail, na qual este sabio distincto indica um meio economico de desembaraçar certos vegetaes dos seus parasitas. Reproduzimos-a em seguida, e recommendamos a sua leitura aos nossos agricultores, folgando que uma pratica esclarecida lhes demonstre a efficacia d'este preservativo, que é aliás da mais facil applicação.

Eis como se exprime o illustre philosopho:

«De todas as dissoluções que tenho ensaiado ha annos, para desembaraçar os vegetaes dos seus parasitas internos e externos, e os animaes dos vermes (moscas, mosquitos, tobão e outros) que os atormentam, a que melhor resultado produziu é a dissolução aloetica (uma gramma de piteira (aloes) o maximo para um litro de agua. O baixo preço d'esta substancia torna este processo dos mais economicos; e não conheço insecto ou animal, por maior que seja, que não sinta uma repugnancia incrível por esta substancia, e não lhe repugne o seu amargo.

«Por meio de um grande pincel ou de uma escova lavam-se os troncos e ramos, assim como o couro dos animaes. Mergulham-se os carneiros e os animaes de pello comprido em um banho d'esta solução; a mesma agua pode servir até se extinguir, e pode renovar-se uma ou duas vezes, juntando-lhe nova agua. Banham-se tambem depois as sementes, as estacas e todos os paus das estacadas; e finalmente emprega-se a quantidade que fica para regar a parte do terreno infectado de insectos, e os legumes devorados pelas lagartas, quando esses legumes são cultivados pela raiz ou pelo grão, e não pela sua folha.

«Por espaço de um anno tenho tido occasião de ver todos os dias, em um jardim que habito, os bons effeitos d'este processo.

«Quando cheguei a esta habitação no principio de maio de 1853, encontrei as arvores infectadas pelo pulgão e outros insectos. Entre outras uma velha maceira tinha o tronco coberto d'elles. Banhei-o com uma dissolução aloetica; os insectos que estavam proximos deixaram de vir ao seu tronco. No fim de um mez, desembaracei a maceira visinha, e durante todo o anno estas duas arvores não têm mostrado nem apparencia de parasita.

«Este anno encontrei alguns favos d'estes insectos, nos pontos da terra onde a dissolução não tinha podido chegar no anno antecedente. Quanto ás maceiras que haviam padecido estão cobertas de flor e de folhas.

«Proximo a um muro exposto ao vento do levante estavam dois velhos troncos de pecegueiros, cujas folhas haviam seccado pela influencia do mal conhecido pelo nome de cloque, e que desde dois

annos nada produziam. Em junho de 1853 lavei os seus troncos com terra envolvida na dissolução aloetica: não sómente as folhas affectadas não tardaram em ser substituidas por folhas da mais bella vegetação, mas desde o primeiro de abril cobriram-se de flor, que se conservou apesar da geada das noites de 24 e 25 d'aquelle mez.

«Lisonjeio-me de preconisar este meio contra a molestia das vinhas e das batatas; geralmente se reconhece como eu hoje reconheço, que esta doença é o resultado, não de corrupção ou de insectos, mas dos phenomenos meteorologicos.»

O DESERTOR POLACO.

O PRESIDENTE dirigiu-se então ao accusado.

— «Mathwiey, o tribunal permite-vos a defeza; fallae em russo, sede breve, e nada de palavras nem de idéas contrarias á ordem e á disciplina.»

— «Eu não conheço, senhores, a lingua russa de modo que...»

A' palavra senhores todos os vogaes do conselho disseram:

— «Mais respeito; nós somos juizes e nobres.»

E um d'elles accrescentou:

— «Não importa que não saibaes correntemente a lingua russa; assim as vossas explicações serão menos longas.»

A acareação tomava já se vê logo do principio uma direcção funesta. Wolny não queria collocar-se na situação de victima de paixões politicas, e procurára revestir-se de todo o sangue-frio; mas, sem ostentar fanfarronice, não queria humilhar-se, nem renegar o seu passado. Tinha desertado para ver sua mãe; era para desejar que a discussão se conservasse n'este terreno.

O presidente tocou a campainha, e procedeu ao interrogatorio.

— «Accusado, ainda vive vosso pae?»

— «Não; morreu nos meus braços, ha sete annos, na batalha de Ostrolenka.»

— «Foi pois vossa mãe, ou alguem da vossa familia que vos induziu a desertar?»

— «Minha mãe é pobre e velha; bem desejára ter-me ao pé de si, por que eu era o unico amparo que lhe restava; mas nunca me deu o conselho que lhe imputaes. Em quanto a familia... eu já não tenho familia!»

— «Pois será possivel que não tenhaes parente algum?»

— «Nem um só,» respondeu o accusado, caíndo no laço que lhe armára o coronel; «meu irmão, disseram-me, que geme em um carcere; meus dous tios talvez que já morressem na Siberia.»

O presidente voltou-se todo tremulo de colera para um dos vogaes, e disse-lhe de modo que todos ouviram:

— «Eu bem vos tinha dito que este rapaz pertencia a uma raça de revolucionarios, e de traidores.»

Era evidente que a acareação te tornára ociosa, e tinha apenas por fim provocar uma profissão de fé politica, em damno do desgraçado Wolny.

O coronel continuou:

— «Se vossa mãe vos não aconselhou este passo, se não tendes parentes; o que foi que vos obrigou a abandonar a vossa bandeira!»

— «A minha bandeira!» redarguiu o joven soldado, com firmeza, «a minha bandeira! Vi-a a derradeira vez no sitio de Warzovia! Depois dos desastres da minha patria concentrei todas as affeições em minha mãe, e em uma mulher...»

— «Basta! basta!» bradou o coronel com voz terrível.»

— «Essa mulher,» replicou o soldado com serenidade, «roubaste-m'a, depois de me terdes assentado praça pela violencia, pelo abuso da força!»

— «É mentira! é mentira!» disse o presidente, erguendo-se furo de raiva: «haveis de retratar-vos!»

— «Eu não posso retratar a verdade; não posso negar o que se passou comigo.»

— «Mentes; e eu vol-o vou provar;» tornou o coronel. E voltando-se para os soldados da guarda, accrescentou: «Tragam o banco.»

Todos os que assistiam á audiéncia estremeceram, por que o tal banco era um instrumento de tortura.

O padecente, com as costas descobertas até á cintura, é collocado de bruços no banco, com os pés e pernas ligados. Depois, sobre os rins, começam de desfechar-lhe chibatadas com uma vara muito flexivel; a cada golpe, as carnes, magoadas, retalhadas escorrem sangue... Faz dó ver seres humanos assim mutilados o martyrisados, até que a dor lhes arranque a confissão que se deseja; e isto não como castigo de um crime, não em virtude de sentença condemnatoria, mas como systema de acareação!

O banco estava prestes, as chibatadas na mão do verdugo; o pobre Wolny ia passar por aquelle doloroso supplicio; eis que se abre uma porta lateral da sala da audiéncia, e duas senhoras se dirigem aos juizes: uma d'ellas era moça, pallida, e estava tão doente, que mal podia suste-se de pé: a outra, quasi sexagenaria, conduzia pela mão uma creança. Adiantando-se a sua filha, aproximou-se á meza do conselho, e prostrada de joelhos em frente do coronel, disse:

— «Meu genro: oxalá que eu chegue a tempo de conservar a vida a um homem, que salvou a de seu filho!»

E então, com voz cortada pela commoção, a mãe de Angelica referiu ao presidente estupefacto, aos juizes espantados, ao auditorio enternecido, como o accusado subtrahira a infallivel morte o filho do coronel; e levantando os braços, exclamou ao terminar:

— «Perdão, perdão para o seu salvador!»

Bestuzew, que ignorava estas circumstancias, ficou um momento immovel, surpreso, com os olhos baixos, e os sobrolhos carregados, como uma pessoa fatigada por uma scena desagradavel. A creancinha, largando a avó, corréra aos braços de seu pae, pedindo tambem por aquelle a quem devia a vida. Angelica, que até ali sómente intercedêra com suas lagrimas, entendeu que devia dirigir algumas supplicas a seu marido.

O coronel, compellido a conter-se diante dos soldados, na presença dos espectadores e do tribunal, a que presidia, proferiu algumas palavras quasi intelligiveis, mas a sua physionomia mostrava que o pungiam profundamente o odio e o ciúme. Quando todavia todos esperavam um rompimento, dirigiu-se ás duas senhoras, e disse-lhes em voz alta:

— «Retirem-se, minhas senhoras; a justiça ha de cumprir a sua penosa missão; o vosso logar não é aqui.»

E com um gesto, que talvez todos crecem expressão de meigo affecto, apertou o braço de sua mulher com força, e disse-lhe, em voz baixa, com os dentes cerrados, e a escuma a saír-lhe pelos cantos da boca:

— «Quereis que vos restitua o vosso amante, não é assim?... Não... nunca. O que posso prometter é uma morte prompta para elle... Ide-vos!»

A infeliz senhora desatou a chorar, sua mãe e seu filho uniam as suas vozes ás lagrimas d'ella; mas o

coronel, retomando o seu logar, fez signal as sentinellas para que obrigassem a saír do tribunal quem assim viera perturbar os seus trabalhos. Wolny rugia, por não poder collocar-se entre os soldados e Angelica. Chegando á porta por onde entrára, e antes de a perpassar, Angelica voltou-se para o seu desposado, e como se ninguem mais ali estivesse, lançou-lhe um longo olhar, que parecia um supremo adeus, e que encerrava uma lugubre promessa.

A' agitação produzida por aquelle inesperado episodio seguiu-se sepulchral silencio: todos os olhos estavam fitos no accusado, e no coronel, cujas ordens se esperavam com anciedade e receio.

Este ergueu afinal a cabeça, e estendendo o braço disse com voz sumida, e como coada pelos labios convulsos:

— «Vae continuar o julgamento!»

N'este momento um grito agudo, estridente, terrível, gelou de espanto quantos estavam na sala. Wolny ficou petrificado, como se uma bala o ferira no coração; é que havia comprehendido!

(Continúa).

ESCOLAS DE LA MARTINIÈRE.

As ESCOLAS chamadas de la Martinière, do nome do opulento major Martin, que em seu testamento legára grandes sommas com esta especial applicação, são talvez de todos os estabelecimentos litterarios, que existem em Lyão de França o mais util, pela direcção eminentemente pratica que ali distingue o ensino.

As escolas de Martinière são dedicadas especialmente á instrucção dos filhos dos operarios, que se destinam tambem á vida industrial.

O curso de estudos que seguem os alumnos comprehende a caligraphia, a grammatica, as mathematicas elementares, a physica, a chimica, o desenho, noções sobre administração de fabricas, etc.

Creou-se um methodo particular, pelo qual se procura attingir o mais prompta e regularmente que é possivel o fim proposto de formar bons praticos e industriaes.

As aulas, interrompidas apenas por algumas horas de recreação, estão abertas desde as sete horas da manhã até ás cinco horas da tarde.

Este util instituto conta hoje 400 alumnos, divididos em duas grandes secções de primeiro e segundo anno.

Todos os annos abrem-se varios concursos, em consequencia dos quaes, e afim de excitar a emulação, se affixam publicamente os nomes dos alumnos pela ordem do seu merito. Cada anno lectivo encerra-se com uma distribuição geral de premios.

As condições da admissão tem por base a idade dos candidatos, que não ha de ser inferior a dez nem a superior a quatorze annos, devendo comtudo apresentar certidão de approvação no primeiro grau de instrucção elementar.

Cada classe comprehende uma ou muitas divisões, presididas por um brigadeiro em chefe, e subdivididas em bancos de sete logares, dirigidos cada um pelo alumno de maior merito, com o titulo de brigadeiro. A este ultimo pertence a guarda e responsabilidade do material.

Todos os alumnos estão munidos de lousas, nas quaes escrevem, já os principios expostos pelo professor, já a solução dos problemas, que elle lhes propõe. A um signal ajustado todas lousas se levantam de modo que os repetidores possam verificar o trabalho dos estudantes.

O desenho occupa lugar importante no ensino de Martinière. Com effeito esta arte é uma das bases fundamentaes da industria lyoneza.

Tal é em resumo a organização de tão notaveis escolas, cuja influencia benefica cada vez se faz sentir mais na instrucção dos operarios lyonezes. Não se pretende convertel-os em sabios, ou engenheiros; mas sim em excellentes conductores de machinas, em bons tintureiros, caixeiros instruidos e contra-mestres intelligentes.

As disposições testamentarias do major Martin foram contecidas em Lyão no anno de 1803; mas só em 1826 é que, superadas todas as difficuldades, a municipalidade poude adquirir, pelo preço de 75:000 francos, o antigo claustro dos augustinianos. Collocado em bairro pouco frequentado, e em uma rua estreita e escura, este edificio não tem apparencia alguma monumental. Interiormente compõe-se de uma vasta quadra cercada de arcadas, sobre as quaes correm os pavimentos em que estão estabelecidas as aulas, e outras officinas. As aulas são nuas de ornamentos e decorações, mas vastas, limpas e bem ventiladas. No pavimento terreo encontra-se um rico museu de machinas, com que mr. Aynard dotou o bello estabelecimento devido á phylanthropia do major Martin.

A nossa grayura representa o portal de entrada.



BIBLIOGRAPHIA.

Catalogo dos manuscritos portuguezes existentes no Museu Britannico, por Frederico Francisco de la Figanière Lisboa. Imprensa Nacional, 1854. Edição nitida, 1 vol. de mais de 400 paginas em 8.º fr.

Sabia-se por vaga tradição que na preciosa bibliotheca do museu britannico existiam muitos subsidios importantes para o estudo da nossa historia. Exaginar porém, com o criterio e escrupulo ne-

cessarios, os registos d'aquelle vastissimo estabelecimento era um trabalho impertinente, e até certo ponto da maior difficuldade. O sr. Figanière, intelligentissimo empregado da nossa legação em Londres, não duvidou emprehendel-o, e poude concluir-o com a maior felicidade.

O catalogo do sr. Figanière, redigido com bastante clareza, e acompanhado de muitas noticias curiosas, contém a indicação, assim de todos os documentos que o auctor poude ali encontrar com relação a Portugal, e cuja existencia era totalmente ignorada, como a de outros, e não são poucos, que haviam desaparecido dos nossos cartorios, e que se julgavam para sempre perdidos. Contém tambem o catalogo do sr. Figanière a cópia textual e fidelissima de alguns documentos historicos curiosissimos. Por todos estes motivos entendemos que o auctor prestou ao paiz, com o seu interessante livro, um serviço valioso.

Vende-se em casa da Viuva Bertrand & Filhos, e na livraria do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8; preço 1\$000 rs.

No proximo mez de janeiro de 1855 começará a publicar-se o 12.º volume do Panorama, quarto da presente serie.

O editor não faz promessas pomposas; affiançando simplesmente que não cessará de empregar todos os esforços possiveis para manter a reputação de um semanario, que conta no numero dos seus collaboradores alguns dos nomes mais illustres na litteratura nacional.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou por carta franca dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1\$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1\$570 rs., por semestre 790 rs.